

## MITOS INDÍGENAS EM MACUNAÍMA, DE MÁRIO DE ANDRADE

Vanessa Fritzen<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta um estudo dos mitos indígenas presentes em *Macunaíma*, de Mário de Andrade, em sua articulação com a cultura brasileira. Primeiramente, uma visão abrangente dos vários conceitos de mitos será exposta com base em teorias de estudiosos do assunto, tais como Claude Lévi-Strauss, Ernest Cassirer, Joseph Campbell, Mircea Eliade, entre outros. Após uma breve explanação da evolução dos povos indígenas e a contribuição de suas diversificadas culturas para a formação da nação brasileira, serão então abordados aspectos literários acerca de *Macunaíma*; finalmente, analisam-se os mitos indígenas presentes em *Macunaíma*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Macunaíma* e cultura brasileira. Mitos indígenas. Mitocrítica.

### Indigenous myths present in Macunaíma, by Mário de Andrade

**ABSTRACT:** This article presents a study of the indigenous myths present in *Macunaíma*, by Mário de Andrade, in its articulation with the Brazilian culture. Firstly, an wide-ranging view of the several concepts of myths will be exposed based on theories of some studios of the subject, like Claude Lévi-Strauss, Ernest Cassirer, Joseph Campbell, Mircea Eliade, among others. After a short explanation of the evolution of the indigenous people and the contribution of its diverse culture for the formation of the Brazilian nation, then, they will be dealt literary aspects concerning *Macunaíma*. Finally, the indigenous myths present in *Macunaíma* are analyzed.

**KEYWORDS:** *Macunaíma* and Brazilian culture. Indigenous myths. Mythocriticism.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As discussões envolvendo os diversos conceitos de mito se mostram cada vez mais intensas, haja vista as incessantes pesquisas de renomados estudiosos. Na verdade, os vários conceitos acerca de mito buscam defini-lo como parte da essência humana. O conjunto de todos os mitos de um povo ou de uma civilização forma a sua mitologia, sendo que a mais conhecida e estudada a nível mundial é a mitologia greco-latina. Entretanto, os mitos indígenas, africanos e de outros povos são interessantes também. Este trabalho será desenvolvido a partir do enfoque da mitologia indígena brasileira encontrada na obra *Macunaíma*. Antes, porém, será feita uma explanação a respeito dos conceitos de mito, da

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões Campus de Frederico Westphalen. E-mail: vane.fritzen@gmail.com

importância das culturas indígenas para a formação da nação brasileira e alguns aspectos teóricos acerca da obra a ser analisada.

## MITOS E MITOLOGIA INDÍGENA NO BRASIL

Faz parte da essência do ser humano querer saber, ao longo da vida, de onde veio, para onde vai, de onde surgiu a água, o fogo, a lua, o sol e, principalmente, qual é o sentido da vida. Neste ponto surgem os mitos, que são histórias, narrativas que tentam explicar esses antigos questionamentos do ser humano. O mito é uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, dúvidas e inquietações e pode ser visto como uma possibilidade de refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de *ôstar* no mundo (ROCHA, 2006, p. 7).

É próprio do ser humano querer dar um sentido, uma justificativa para a vida, e os mitos vêm ao encontro desse desejo. Dessa forma, os mitos tentam explicar o surgimento do mundo e a forma como deuses e heróis o fizeram habitável para a humanidade. Em suas contundentes observações, Mindlin (2001) evidencia o raciocínio segundo o qual,

[o]s mitos frequentemente falam de acontecimentos fantásticos, mágicos. É por isso que muita gente pensa e diz que mito é invenção, mentira, ficção; mas para os povos que os contam, donos das histórias, e para quem souber decifrar sua linguagem poética, os mitos são uma história verdadeira, uma explicação sobre o mundo, sobre o que é viver, sobre a origem da humanidade, sobre o aparecimento da agricultura, da caça, das plantas, das estrelas, do homem e da mulher, do fogo, do sol, da lua, de tudo o que se puder imaginar. Há histórias de fantasmas, de bichos que viram gente ou o contrário, de pedaços do corpo que voam e falam. São histórias sagradas, preciosas, respeitadas por todos (MINDLIN, 2001, pp. 7-8).

Nessa perspectiva, Eliade (2006, p. 12) enfatiza a ideia de que o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma história verdadeira porque sempre se refere a realidades. Os mitos passam de geração para geração através dos séculos, refletindo pensamentos e a cultura de um povo, aspectos que, além de identificarem a sua maneira de ver a realidade e o mundo, ainda marcam a sua identidade. E essas histórias de heróis, deuses, bichos e monstros eram narradas pelos anciões da comunidade, as quais crianças e jovens escutavam atentamente e, aos poucos, a inexplicável, fantástica e misteriosa ordem do universo ia sendo descoberta.

De acordo com as ideias de Ribeiro (1987), o mito caracteriza-se por um espaço físico não muito definido, e o tempo cronológico também costuma ser impreciso. É claro que, por exemplo, em relação aos mitos de criação o tempo seria identificado como parte dos

primórdios, quando ainda não existia nada; entretanto, ainda assim não é totalmente definido. Estas narrativas apresentam várias estruturas sendo que as mais comuns começam apresentando os personagens e também uma breve descrição do espaço, passando pela resolução de um conflito ó com a presença de heróis, seres sobrenaturais, deuses... ó até que, com a audácia do herói, tudo é resolvido e, como consequência, o mundo já não é mais o mesmo.

Ainda segundo Ribeiro (1987), em tempos mais antigos, os mitos eram transmitidos de forma oral, e com o surgimento da escrita, eles passaram a ser registrados em pedras, em pergaminhos e, mais tarde, na folha impressa; com o avanço tecnológico os mitos também passaram a ser difundidos na televisão, na *internet*, no cinema, entre outros meios de comunicação. Nestes registros, os mitos costumam ser narrados em terceira pessoa, mas o diálogo entre personagens também pode ocorrer. Os mitos costumam resultar de autoria coletiva, fato que explica a existência de variadas versões de narrativas sobre o mesmo assunto. É por meio desses escritos que se pode estudar e conhecer um pouco mais sobre as mais diversas culturas.

Em relação ao surgimento e evolução dos povos indígenas no Brasil, Oliveira (1990) menciona a possível origem asiática dos indígenas brasileiros, que migraram até o continente americano por meio do estreito de Bering. Na América do Sul, eles chegaram em torno de 40 mil anos atrás. Quando os indígenas chegaram no Brasil, primeiramente se fixaram no norte do país, mais precisamente na região da floresta Amazônica. Tempos depois, eles se dispersaram em torno daquele que viria a ser o futuro território brasileiro.

A Pré-História do Brasil é dividida em três períodos, segundo relembra Oliveira (1990). O período paleo-índio vai de 35 mil a 9 mil anos atrás. As populações viviam em grutas e já tinham conhecimento para fabricar ferramentas ó utilizando-se de lascas de pedras ó e para sobreviver da caça de animais; também confeccionavam roupas feitas com couro.

O período arcaico se estende de 9 mil a 4 mil anos atrás e é caracterizado como o período de maior aumento da população; em relação à fabricação das ferramentas para as atividades de caça, pode-se dizer que não houve tanto progresso como ocorreu em relação à alimentação, pois peixes de água doce e salgada passaram a fazer parte do cardápio indígena. E, por fim, o período horticultor, que compreende aproximadamente o tempo de 4 mil anos atrás. Nesse período, os indígenas trocaram as grutas por aldeias; a alimentação mais uma vez teve importante progresso: começou a ser adotada a prática do cultivo de milho, mandioca e algodão.

Assim, se torna perceptível a transformação da natureza, por parte do ser humano, que, tendo a capacidade de evoluir, consegue criar e fazer novas descobertas com o passar do tempo. Com relação a essa capacidade do ser humano, Oliveira (1990) afirma que

[t]odas as vezes que o homem transforma o meio em que vive está fazendo cultura. Mas, ele não faz isto sozinho. É vivendo em grupo que consegue sobreviver. Isto é, criar seus modos de vida, as regras, as leis, os símbolos, as crenças, a religião e a política (OLIVEIRA, 1990, p. 24).

Essa capacidade de transformação e evolução bem como todas as criações do ser humano são variáveis, ou seja, mudam de sociedade para sociedade: a cultura de um povo se difere da cultura de outro povo. Ainda segundo Oliveira (1990, p. 26), ãé o bom entendimento dessas diferenças que possibilita a visão real sobre os diferentes povos. A nação brasileira é formada por uma grande diversidade de grupos étnicos que se distinguem por sua história, seus costumes, sua língua.

Os povos indígenas, da mesma forma que qualquer outro grupo étnico, desempenham um importante papel no conjunto de experiências históricas e sociais do Brasil. Os povos indígenas são detentores de saberes e responsáveis por criações como, por exemplo, a música, a culinária, a arte. Cada um dos diferentes povos indígenas é possuidor de cultura própria, e as suas formas, as suas originalidades merecem ser consideradas como patrimônio pela sociedade.

Entretanto, de acordo com Durhan (1983), uma parte do povo brasileiro, ainda aparenta ignorar os direitos dos povos indígenas, em nome de uma pretensa unidade nacional de dimensão política, cultural e étnica. A imagem do indígena, ainda segundo Durhan (1983, p. 12), ãé exaltada ou denegrida, servindo, simultaneamente, como metáfora da liberdade natural e como protótipo do atraso a ser superado no processo civilizatório de construção da nação. Ora, muitas das lendas e mitos de cunho indígena acabaram sendo incorporados e bem aceitos pela nação brasileira.

Os mitos indígenas podem discorrer sobre os mais variados temas. Ribeiro (1987) explicita a ideia de que esses mitos relatam as relações dos seres humanos com os animais, num tempo em que eles conversavam e se entendiam, bem como o seu modo de conviver em sociedade, de seus rituais de caça, pesca, religião e tantos outros valores de caráter essencial para a vida. Também explicam ó cada povo indígena do seu modo ó a origem do fogo, da luz, das cores dos animais, da lua, do sol, da noite, de alguns alimentos, entre outros tantos.

Os indígenas veem seus mitos não como algo fantástico, mas como portadores da verdadeira história do mundo: a mitologia é uma necessidade inerente à linguagem, segundo Cassirer (2006, p. 19). Nas culturas indígenas, a mitologia ainda se mantém viva em talvez todos os povos, transmitida de geração para geração. Uma das várias teorias dos mitos em voga é a de Claude Lévi-Strauss (2003), o qual sustenta que a importância do mito não está em seu conteúdo, mas em sua estrutura, uma vez que revela processos mentais universais.

Para Vico (1984), o mito representa um caráter próprio da atividade de fantasia que nada tem de bizarro ou de absurdo, e que deve ser entendido em suas leis imanes. O mito é o responsável por manter na lembrança situações que poderiam ser esquecidas. As análises de Lévi-Strauss (2003) apontam a coerência e a racionalidade particular da linguagem lúdica do mito.

Os povos indígenas, assim como outros grupos étnicos, transmitem suas experiências através dos mitos, mas o interessante é que os mitos passam por variações quando contados ao modo de cada povo indígena, sendo que no Brasil há mais de 230 povos. Há muitas variações de mito sobre um mesmo tema, visto que os mitos são criações originais de cada povo, articulam-se com sua cultura, seus pensamentos. Campbell (2007) conclui que a mitologia é um conjunto de histórias sobre a sabedoria da vida (p. 58).

### **MACUNAÍMA: ASPECTOS LITERÁRIOS**

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo em 1893 e faleceu em 1945. Escreveu romances e poesias; foi compositor, tocando e lecionando piano, e destacou-se também como crítico literário. Seu livro de estreia, *Há uma Gota de Sangue em cada Poema*, foi publicado em 1917. Entre os vários livros do autor, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, publicado em 1928, é considerado uma das mais importantes obras da literatura brasileira.

O livro, escrito em apenas seis dias, narra as aventuras do personagem Macunaíma, que nasce no interior da selva amazônica; de cor negra, acaba virando branco; tendo perdido a sua preciosa pedra muiraquitã que ganhara de sua mulher, parte para São Paulo na companhia de seus irmãos Jinguê e Maanape, que vivem várias aventuras até finalmente tomar posse do amuleto que estava com Venceslau Pietro Pietra; retornando novamente para a Amazônia, Macunaíma, se sentindo desiludido pela Uiara e sozinho, por conta da morte dos irmãos, decide ir para o céu e fazer parte da constelação da Ursa Maior.

Para escrever este livro, o autor empenhou anos de pesquisas sobre lendas, mitos

indígenas e folclóricos, superstições, ditados populares, anedotas, paródias, provérbios, evocações históricas, etc., utilizando a linguagem popular de várias regiões do Brasil. Por fim, reuniu todos os elementos de seu estudo em *Macunaíma*, nome originário de um mito indígena. Daí vem o fato de o autor chamar a sua obra de rapsódia, nome que designa uma composição musical que envolve uma grande variedade de motivos populares. Souza (1979) relembra que

[u]ma análise um pouco mais atenta [de *Macunaíma*] mostra que ele foi construído a partir de uma combinação de uma infinidade de textos preexistentes elaborados pela tradição oral ou escrita, popular ou erudita, europeia ou brasileira (SOUZA, 1979, p. 10).

O autor da obra faz uso da linguagem oral e popular ó um estilo presente em outros de seus livros também ó, ao mesmo tempo em que mescla folclore, lendas, mitos e manifestações religiosas existentes nos vários recantos do Brasil. O autor também inventa outros, de maneira irônica e até zombeteira como, por exemplo, a criação do futebol, do truco e de termos como òvã tomar banhoö (ANDRADE, 2007, p. 87).

Segundo Faria (2006), muito da riqueza literária de *Macunaíma* vem sem dúvida desse tipo de ambiguidade, entre a invenção literária e a pesquisa científica, entre a criação lúdica e a interpretação da realidade nacional. Neste sentido, ònarrado como uma viagem em sentido contrário à maioria dos périplos românticos, estes indo da civilização à natureza, a rapsódia de Mário de Andrade nem por isso se torna um relato originário, vindo diretamente do mato virgemö (FARIA, 2006, p. 273).

A obra, escrita em 1928, inscreve-se no período Modernista e traz um novo conceito de òheróiö brasileiro ó a identidade nacional é um dos temas mais difundidos neste período, que pretende criar uma arte que revele a brasilidade, em seus temas e tipos ó, que vive em constantes transformações. Claro que esse òheróiö por vezes se mostra um anti-herói ou apenas trapalhão, como no dia em que faz um estardalhaço, só porque a água para o banho estava fria: ò[o] herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinhoö (ANDRADE, 2007, pp. 49-50).

A identidade nacional se constrói através das várias feições dos personagens, representantes dos diferentes grupos étnicos que deram origem ao povo brasileiro; sobretudo o indígena, o europeu e o negro. Apesar de diferentes, são irmãos: *Macunaíma* é branco, *Jinguê* é negro e *Maanape* é indígena. Nesse sentido, a identidade dos personagens é correção

em função de influências culturais diversas que se somam no conjunto da própria cultura brasileira.

O personagem principal está sempre envolto em transformações envolvendo a aparência física ó por vezes fazendo parte delas ou apenas relatando-as ó, tanto no plano do real, quanto no do imaginário. Essas transformações ocorrem no âmbito das várias aventuras do personagem que, dependendo da situação, podem resultar em uma mudança de aparência para melhor ou pior. Uma mudança que ocorre com o próprio Macunaíma se dá quando, ao passear com a cunhada, perde a aparência de menino: ãassim que [Sofará] deitou o curumim nas tiriricas, tajás e trapoerabas da serrapilheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindoö (ANDRADE, 2007, p. 14).

Os animais também são vítimas das transformações. Um dia Macunaíma soltou um berro tão forte, que ãmuitos pássaros caíram de susto no chão e se transformaram em pedraö (ANDRADE, 2007, p. 14). Alguns seres humanos também se transformam; Ci ó ou Mãe do Mato ó ao morrer o filho que teve com Macunaíma, decide ir para o céu, ã[é] lá que Ci vive agora nos trinqes passeando [...], toda enfeitada de luz, virada numa estrela. É a Beta do Centauroö (*Ibid.*, p. 35).

O autor também se vale de elementos mágicos e fantasiosos para caracterizar seres, objetos, etc, como a ãágua encantadaö (ANDRADE, 2007, p. 50) na qual Macunaíma toma banho e fica branco.

Outra característica do Modernismo que se faz presente na obra é que, em alguns trechos, a escrita formal é substituída por uma escrita que obedece a fala coloquial, utilizando-se de vocábulos bem próximos da linguagem cotidiana, como ãnam sculhambaö, ãmilhorö, ãnoísö, fio, entre outros. Também são utilizados registros populares e regionais da língua e trechos sem pontuação, em total desacordo com a gramática normativa, como pode ser observado no trecho ã[e] eram muitos mosquitos, piuns maruins arurus tatuquiras muriçocas meruanhas mariguís borrachudos varejas, toda essa mosquitadaö (ANDRADE, 2007, p. 22).

Em relação à língua, também se observa a presença de vocábulos africanos, indígenas, gírias, provérbios e expressões populares. O autor não se mostra interessado nem em demarcar os limites geográficos, nem em especificar a que regiões pertencem os mitos, lendas, etc, formando no leitor a impressão de fazer parte não apenas de seu local de origem, mas, sim, de um imenso Brasil, com uma diversidade cultural ainda por explorar.

Na obra, além do cruzamento entre elementos regionais e culturais, também se encontram representações alegóricas, como a do surgimento das etnias:

Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. [...]

Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. [...]

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro [...] [com] as palmas das mãos e dos pés [...] vermelhas [...] (ANDRADE, 2007, pp. 49-50).

Na composição de *Macunaíma*, Mário de Andrade nunca ocultou o fato de ter se inspirado nas obras de outros escritores como do alemão Theodor Koch-Grünberg, de Capistrano de Abreu, de Couto Magalhães, de Pereira da Costa, etc. O escritor também confirma que não apenas copiou os etnógrafos e textos ameríndios, como também, no capítulo "Carta pras Icamíabasö", utilizou frases inteiras de Rui Barbosa, Mário Barreto e outros cronistas portugueses coloniais.

O autor também utilizou a intertextualidade ao modificar textos como, por exemplo, o Padre-Nosso, que deixou de ter cunho religioso e passou a ser profano, quando rezado por Macunaíma em uma macumba:

Na macumba [...] a reza do Padre Nosso Exu, era assim:

ó Padre Exu achado nosso que vós estais no trezeno inferno da esquerda de baixo, nós te quereremo muito, nós tudo!

ó Quereremos! Quereremos!

ó ...O pai nosso Exu de cada dia nos dai hoje, seja feita vossa vontade assim também no terreiro da sanzala que pertence pro nosso padre Exu, por todo o sempre que assim seja, amém!... (ANDRADE, 2007, p. 83).

Outro recurso de intertextualidade utilizado na obra pode ser observado em uma frase que Macunaíma retoma amiúde: "Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil sãoö". O personagem contraiu malária, tema atual, visto que uma parcela da população brasileira ainda sofre com esse mal. Este *slogan* recupera um poema de Gregório de Matos (1636-1695), em que o poeta satiriza a situação do Brasil, tendo como refrão o verso "Milagres do Brasil sãoö". Relembra também uma frase do cronista Saint-Hilaire: "Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasilö".



O personagem principal é retratado por meio de traços que distinguem o perfil do brasileiro fora da lei, o preguiçoso, o desordeiro, de caráter suspeito. Em suas observações, Souza (2008) faz uma interessante análise do personagem central:

Macunaíma, o herói de nossa gente, possui uma marca linguística, o conhecido dístico ãAi! que preguiça!...õ, que o distingue como personagem e o posiciona como o emblema literário da preguiça brasileira. A outra expressão, emitida reiteradamente por ele, õPouca saúde e muita saúva, os males do Brasil sãoõ, completa o seu perfil discursivo, ao se investir de intenção retórica e irônica e fornecer uma resposta às teses higienistas defendidas na época pelos adeptos da política de saneamento do país. (SOUZA, 2008, p. 11).

Proença (1987) retoma as ideias de Alceu de Amoroso Lima que, ao situar a obra, escreveu que ãnão é um romance, nem um poema, nem uma epopeia. Eu diria antes, um coquetel. Um sacolejado de quanta coisa há por aí de elementos básicos da nossa psichêõ (p. 7). Por outro viés, Souza (2008, p. 9) defende que ãMacunaíma consiste no apelo ao estranhamento da linguagem. [...] Lê os provérbios populares, as frases feitas, as histórias infantis ao pé da letra, desconstrói seu valor simbólico e acredita na força da palavra falada, por ser muito astutaõ. Souza (2008) conclui que *Macunaíma*

possui um estilo modernista, antropofágico, pois se alimenta e mastiga de todas as fontes linguísticas e estilísticas. [...] Sua fala é a montagem de várias falas [...]. A crítica à realidade brasileira reside justamente na apresentação de um herói sem nenhum caráter, preguiçoso, malandro e esperto, o que seria a imagem também malandra do país. Mas essa interpretação é por demais complexa, pois não há, na rapsódia, nenhuma lição de moralismo em relação ao caráter do brasileiro (SOUZA, 2008, p. 9).

A obra-prima de Mário de Andrade inspirou filmes, como ãMacunaíma: sem caráter, mas cheio de graçaõ, com roteiro e direção de Joaquim Pedro de Andrade; peças de teatro, músicas, e até um quadro pintado por Tarsila do Amaral. Nesse contexto, passamos a analisar a rapsódia andradiana.

## MITOS INDÍGENAS EM *MACUNAÍMA*

Mário de Andrade, além de utilizar-se de várias lendas e mitos brasileiros ou estrangeiros ó africanos, por exemplo ó, faz menção aos de cunho indígena, a começar por Macunaíma, personagem principal que dá nome ao livro, figura lendária da mitologia indígena que é considerado uma

[e]ntidade divina [...]. Criador dos animais, vegetais e humanos [...]. Com o passar do tempo [...] Macunaíma foi-se tornando herói [...]. Tornou-se um misto de astúcia, maldade instintiva e natural, de alegria zombeteira e feliz. É o herói das histórias populares contadas nos acampamentos e aldeias indígenas, fazendo rir e pensar, e um pouco despido dos atributos do deus olímpico, poderoso e sisudo (Cascudo, 2001, p. 347).

O autor mesclou várias lendas e mitos e, inclusive, também inventou algumas histórias. No caso de Marajigoana, ente misterioso e anunciador da morte para os indígenas, foi transformado em Maraguigana, um sapo poderoso que fez surgir do nada um dilúvio

por causa de Maanape ter matado um boto pra comerem, o sapo cunauru chamado Maraguigana pai do boto fitou enfezado. Mandou a enchente e o milharal apodreceu. Comeram tudo, até a crueira dura se acabou e o fogaréu de noite e dia não moqueava nada não, era só pra remediar a friagem que caiu. Não havia pra gente assar nele nem uma isca de jobá (ANDRADE, 2007, p. 21).

Anhanga é um veado branco protetor de todos os animais terrestres dos indígenas. No lendário indígena e popular amazônico, os guardiões da caça do campo, da mata, dos peixes e das árvores usam estratégias de defesa, infligindo terríveis castigos e até mesmo a morte aos caçadores ou incendiários que transgridem suas leis (RIBEIRO, 1987, p. 143). Em um de seus passeios, Macunaíma vê uma viada; inicia-se uma perseguição até que o animal acaba flechado, porém o desfecho não é o esperado pelo indígena: o herói cantou vitória. Chegou perto da viada olhou que mais olhou e deu um grito, desmaiando. Tinha sido uma peça do Anhanga... Não era viada não, era a própria mãe tapanhumas que Macunaíma flechara e estava morta ali (ANDRADE, 2007, p. 27).

Para os indígenas, todas as espécies de animais, vegetais e minerais ó deveriam ter uma Mãe, a chamada *Ci*, em *Macunaíma* se encontra a Mãe do Matoö (ANDRADE, 2007, p. 31), a Boiúna Mãeö (*Ibid.*, p. 77), a Mãe Veiö (*Ibid.*, p. 91), a Mãe de Deusö (*Ibid.*, p. 113), etc. Entre os indígenas, todos os seres também têm um pai: Pai do Mutumø (*Ibid.*, p. 117), Pai do botoö (*Ibid.*, p. 21), Pai do tucano (*Ibid.*, p. 66), Pauí Pódoleö (*Ibid.*, p. 117), Emoron-Pódoleö (*Ibid.*, p. 161), Aimalá-Pódoleö (*Ibid.*, p. 165), etc, pódole significa pai, origem; daí os vários pais que Mário de Andrade se utiliza.

Uma das mais conhecidas mães é a Mãe d'água, popularmente chamada de Iara, meio mulher, meio peixe, que canta quando quer atrair um homem, sendo que este sempre acaba morrendo afogado. Na narrativa, há uma variação de nomes, a Iara é tratada pelo nome

de Uiara, que tenta seduzir Macunaíma. Entretanto, ão indígena, pela sua concepção teogônica, não podia admitir a sedução sexual nas *Cis*, as mães, origem de tudoö (CASCUDO, 2001, p. 348). O envolvimento, por alguns instantes, entre Macunaíma e Uiara não foi nada proveitoso para ele, õ[q]uando Macunaíma voltou na praia [...] estava sangrando com mordidas pelo corpo todo, sem perna direita, sem os dedos...ö (ANDRADE, 2007, P.). O ocorrido se deu, menos porque Macunaíma foi seduzido por uma *Ci* do que por ele ter deixado se encantar por Uiara.

Uma figura bem lembrada é o Caipora, gênio do mal na mitologia indígena, traz má sorte encontrá-lo. Mas também há variantes do Caipora, visto que õsua ascendência é confusa. É o Curupira e é o Saci. Um Curupira com os pés direitos, ora unípede como o Saci, tendo o casal de olhos e doutra feita um só, como um arimáspioö (CASCUDO, 2002, p. 113). Uma outra definição vem do õnordeste e norte do Brasil [onde] o Caapora é a Caipora, figura de indígena pequena e forte, coberta de pêlos, de cabeleira açoitante, dona da caça, doida por fumo e aguardente. Há também o caipora macho, caboclo baixo, hercúleo, ágil...ö (CASCUDO, 2002, p. 116).

Na rapsódia andradiana, muitos animais são apresentados como portadores de poderes especiais. Por exemplo, quando as crianças custam a dormir, a solução é invocar a õcoruja Murucututuö (ANDRADE, 2007, p. 37) nas cantigas indígenas, considerada a mãe do sono. Já o õpássaro uirapuruö (*Ibid.*, p. 45) é famoso por seu canto atrair fortuna. õlanduö (*Ibid.*, p. 43) é uma aranha caranguejeira que faz parte dos mitos dos caxinauás como detentora e senhora do frio. A õanaquilãö (*Ibid.*, p. 69) é um tipo de formiga que, segundo o mito taulipangue, é a pimenta do gigante Piaimã. Guainumbi é a denominação indígena do beija-flor; quando morre um indígena, seu coração vira beija-flor. De acordo com Ribeiro (1987),

[...] os animais [...] nas fábulas indígenas aparecem como doadores da cultura e, nessa qualidade, são respeitados e temidos. Essa parece ser a lógica e a moral dos temas ligados aos õdonos dos animaisö, ou õmães do bichosö [...]. De qualquer forma, essas crenças e mitos são congruentes com o modo de pensar e viver de seus cultores e determinam o comportamento e a ação social (RIBEIRO, 1987, p. 143).

Em *Macunaíma*, encontram-se mitos sobre o surgimento de alguns alimentos como o guaraná, que, originalmente no mito, surge/brota do cadáver de um pequeno indígena protetor da tribo dos Maués; o menino havia sido atacado por Jurupari. Um trecho da obra conta que õno outro dia quando Macunaíma foi visitar o túmulo do filho viu que nascera do corpo uma

plantinha. Trataram dela com muito cuidado e foi o guaraná. Com as frutinhas piladas dessa planta é que a gente cura muita doença e se refresca durante os calorões de Vei, a Solö (ANDRADE, 2007, p. 35). A mandioca, em alguns mitos indígenas, surge ao brotar do cadáver de uma menina muito branca, chamada Mani. Em uma de suas falas, Macunaíma, ao ver moças muito brancas diz: õMani! Mani! filhinas da mandiocaõ (*Ibid.*, p. 52), relação esta, que só faria quem conhece o mito e Macunaíma parece ser conhecedor, apesar do romance não dar mais detalhes.

Um objeto que, devido a sua importância na narrativa, também poderia ser considerado um personagem é o muiraquitã: um amuleto, uma espécie de talismã mágico que tem o poder de preservar os indígenas de coisas ruins. Macunaíma havia ganhado esse amuleto de sua mulher e, ao perdê-lo, não sossegou até tomar posse dele novamente. Em uma dessas andanças Macunaíma õ[f]oi logo perguntando si o gigante era verdade que possuía uma muiraquitã com forma de jacaréõ (ANDRADE, 2007, p. 66). Um mito sobre essa cobiçada pedra conta que

[í ] as jovens [í ] conheciam a força dos muiraquitãs [í ]. Elas sabiam que em toda noite de lua cheia a Iara surgia do fundo das águas do Amazonas [í ] trazendo nas mãos misteriosas as almejadas pedras verdes, os muiraquitãs. [...] [Iara] [l]evantando a mão para o céu, pareceu fazer uma prece. [í ] [L]ançou as pedras no espaço e mergulhou sob a chuva de muiraquitãs, de diferentes formas, cada qual representando um animal das selvas. Era esse o momento esperado. [...] Regressaram felizes, levando as pedras para ofertar aos guerreiros por elas escolhidos. As qualidades do animal que o muiraquitã reproduzia passavam ao seu portador (CASCUDO, 2001, p. 401).

Um personagem já bem conhecido na cultura popular é o Saci, considerado como uma entidade da mitologia indígena, que ora se apresenta de forma maléfica, õSaci inda pára neste mundo espalhando fogueira e traçando crina de bagualõ (ANDRADE, 2007, p. 210); ora graciosa e zombeteira, õô Quê que quer, saci?, ô Atenção minha madrinha, me dá pão com farinha?õ (ANDRADE, 2007, p. 209).

O deus mais popular entre os indígenas é o Jurupari, que recebeu a designação de Diabo, o Princípio do Mal. Segundo Cascudo (2002, p. 59), õTupã, deus que fala pelos trovões e vê pelo caracol dos relâmpagos e raios é uma criação erudita, europeia, branca, artificial. É o Princípio do Bem. Seu culto foi dirigido pelos padres da catequeseõ com o intuito de desprestigiar o grande poder que exercia o Jurupari.

Na narrativa, a personagem Ceuci é descrita como õuma caapora velha sempre

cachimbandoö (ANDRADE, 2007, p. 58); ela é a companheira do gigante Piaimã. O mito original de Ceuci, e porventura muito interessante, relata que

Ceuci: nome da mãe de Jurupari [í ] que não pode ser velado nem conhecido pelas mulheres. Jurupari proibira, sob pena de morte, que as mulheres fossem ouvi-lo durante a doutrinação aos guerreiros. Ceuci, desobedecendo, escondeu-se para ver o filho revestido com a pompa de taxaua. Morreu a um gesto mágico de Jurupari, que não reconheceu sua mãe. O reformador não lhe restituiu a vida. Levou-a para o céu, transformando-a nas Plêiades, chamadas Ceuci pelos indígenas (CASCUDO, 2001, p. 127).

Outros personagens não tão conhecidos nas páginas do romance também fazem parte, como o õacutipuruö (ANDRADE, 2007, p. 39), que é uma divindade admirada pelos indígenas, pois, segundo afirmam, é um dos poucos animais que conseguem descer das árvores de cabeça para baixo, além de acreditarem também que é pela forma de acutipuru que a alma sobe ao céu; õBoto Brancoö (*Ibid.*, p. 77) é o Uiara (Iara) dos indígenas, uma espécie de Dom Juan famoso; õIcáo (*Ibid.*, p. 80) é o demônio da mitologia caxinauá: senhor do frio, do sol e da noite; o Piaimã - gigante da mitologia taulipangue e õcomedor de genteö (*Ibid.*, p. 54) na narrativa. Em relação a essas entidades divinas, Ribeiro (1987) enfatiza que

[a] função mais generalizada dessas crenças e lendas diz respeito à conservação do mundo natural. [...] No mito, no conto popular e nas superstições a eles ligados aparece o mesmo motivo, às vezes expressamente, às vezes sub-repticiamente. A presença do componente religioso ó ou sobrenatural ó é que imprime força, fé e credulidade ao mito e, em decorrência disso, impulsiona e justifica a conduta (RIBEIRO, 1987, p. 143).

Pode-se perceber que, apesar da obra *Macunaíma* constituir um imenso leque de mitos, lendas e tradições, cada um destes tem a sua parcela de importância e faz desta narrativa uma das obras primas da literatura brasileira. A maioria dos personagens da mitologia indígena presentes na obra se mostra conhecida e muito bem aceita pela cultura popular brasileira, o que demonstra que a mistura das culturas indígenas com a cultura brasileira só tem a engrandecer ainda mais a nação brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mitos sempre estiveram e estarão presentes na vida humana. Como pudemos perceber nestas breves explicações, estudar alguns conceitos e conhecer alguns mitos, simplesmente não dão conta da complexidade e da riqueza que o mito abrange. Em se

tratando da mitologia indígena, ela se mostra mais viva hoje do que quando fazia parte tão somente da identidade dos povos indígenas. Neste sentido, quem também merece ser reconhecido é o escritor Mário de Andrade que, no romance *Macunaíma*, fez um resgate de várias culturas ancestrais que merecem reconhecimento pela sua contribuição na formação da identidade brasileira.

Enfim, percebemos através da análise proposta que alguns mitos indígenas encontrados em *Macunaíma* são muito difundidos no território brasileiro como, por exemplo, o surgimento de alimentos como a mandioca e o guaraná, alguns seres que habitam as florestas como o Curupira e a Iara, entre outros tantos exemplos de mitos. Este fato demonstra uma pequena parcela do quanto essas culturas indígenas já se agregaram e contribuíram na formação da identidade do povo brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. 25. ed. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo, Global, 2002.
- CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DURHAN, Eunice Ribeiro. O lugar do índio. In: \_\_\_\_\_. *O índio e a cidadania*. São Paulo: Lux Vidal, 1983.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FARIA, Daniel. Makunaima e Macunaíma: entre a natureza e a história. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2006, vol.26, n.51, pp. 263-280. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/13.pdf>>. Acesso em 19 out. 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: \_\_\_\_\_. *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim Samuel Katz. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- MINDLIN, Betty. *O primeiro homem e outros mitos dos índios brasileiros*. São Paulo: CosacNaify, 2001.
- OLIVEIRA, Acary de Passos; BANDEIRA, Lêda T. Costa; SOUSA, Maria Cira J. Meireles D. *Conhecendo o índio*. Goiânia: UCG-Universidade Católica de Goiás, 1990.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

RIBEIRO, Berta G. *O índio na cultura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Global, 1987.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOUZA, Eneida Maria de. A subversão linguística de Macunaíma. *Rev. do Instituto Humanitas Unisinos*. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/poslit/16\\_producao\\_pgs/Souza,E.M.2008.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/16_producao_pgs/Souza,E.M.2008.pdf)>. Acesso em 19 out. 2010.

SOUZA, Gilda de Mello. *O tupi e o alaúde*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

VICO, Giambattista. *Princípios de uma ciência nova: acerca da natureza comum das nações*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Recebido em 20 de janeiro de 2013.

Aceito em 10 de maio de 2013.